

CONIC SEMESP

15º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: DIAGNÓSTICO E ESTRUTURAÇÃO EM UMA PSICANÁLISE COM CRIANÇA.

CATEGORIA: EM ANDAMENTO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

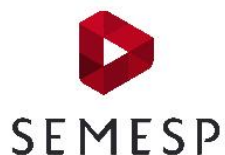
SUBÁREA: PSICOLOGIA

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

AUTOR(ES): PRISCILA CAROLINE SOMARRIBA DE OLIVEIRA

ORIENTADOR(ES): ALESSANDRA FERNANDES CARREIRA

Realização:



Apoio:



RESUMO: Inserido no projeto de pesquisa “Psicanálise com crianças: teoria e clínica”, o presente trabalho aborda a temática do diagnóstico e situa o conceito de estrutura, tal como formulado por Lacan. Apresenta-se uma revisão de literatura aliada à construção de um caso clínico. Utiliza-se relatos e anotações de sessão da análise de um menino de quase quatro anos, atendido na Clínica de Psicologia da UNAERP por dois anos. A discussão revelou uma hipótese diagnóstica no final do tratamento e que a relação deste menino com a falta modificou-se ao longo do mesmo, o que gerou um apaziguamento em suas relações com o Outro.

INTRODUÇÃO: A noção de diagnóstico em psicanálise é problematizada desde Freud (1913: deve-se estabelecer precocemente um diagnóstico, sobretudo diferencial entre neurose e psicose, para decidir quanto à condução da cura, mas a pertinência deste diagnóstico só receberá confirmação após um certo tempo de tratamento.

A única técnica de investigação que o analista dispõe é sua escuta, delimitada na dimensão do dizer (enunciação, que aponta para a estrutura) do paciente e não de seus ditos (enunciados, que trazem conteúdos). Há uma descontinuidade entre a mera observação do sintoma que exige a participação ativa das palavras do paciente, pois o sintoma é uma substituição significante. A investigação diagnóstica se prolonga abaixo do sintoma, na especificidade da estrutura caracterizada por um perfil predeterminado da economia do desejo, governada por uma trajetória estereotipada ou traços estruturais (Dor, 1991).

Segundo Bernardino (2004), a estrutura não é um dado *a priori*, nem produto de um momento de definição único e cristalizado. É resultado de vários tempos, que se instauram e são retomados. Há um desenvolvimento real, de um corpo tomado como imaginário e de uma série de processos de contato com a estrutura simbólica pré-existente ao sujeito. As principais operações constitutivas da estrutura do sujeito (estádio do Espelho, articulação entre alienação e separação; os jogos de ocultação e alternâncias, o Édipo) deixam marcas, estruturam um modo de relação permanente do sujeito com a falta (BERNARDINO, 2004). A castração pode ser considerada o ponto a partir do qual a estrutura se organiza uma vez que implica que um significante (Nome-do-Pai) metaforize o Desejo da Mãe, impondo-lhe uma proibição que fará com que a criança tenha que lançar mão de outros recursos para se situar como su-

jeito na trama edípica. Isto produz como efeitos o falo como objeto imaginário (do desejo do Outro) e o falo como significante da falta propriamente dita, que insere o sujeito no discurso, possibilitando-lhe produzir significações sobre a vida, a morte e o sexo.

A metáfora paterna permite ao sujeito constituir os três registros (Real, Simbólico e Imaginário) e o leva a assumir uma estrutura, isto é, seu sintoma. Percebe-se que, de um processo a outro o sujeito muda de posição, passando da relação com um Outro todo poderoso, ao qual se submete, para uma relação com um outro que é barrado pela falta (S(~~A~~)) (BERNARDINO, 2004).

OBJETIVOS: Inserido no projeto de pesquisa “Psicanálise com crianças: teoria e clínica”, o presente trabalho aborda a temática do diagnóstico e estrutura, em uma psicanálise com criança. Procura-se explorar e discutir as nuances de um diagnóstico e os traços da estrutura, esperando fomentar a discussão em torno da clínica psicanalítica.

METODOLOGIA: A psicanálise se interessa pelo que é particular ao sujeito, sendo seu método constituído pelo que é transponível da experiência da análise, trazendo uma concepção de sujeito como falante e dividido, a hipótese do inconsciente como fundamento de todo fato psíquico, o que implica verbalização, escuta, a análise da transferência e a intervenção do analista.

Serão utilizados registros não literais de uma psicanálise de um menino, nome fictício João, de três anos de idade. A procura se deu por sua mãe adotiva, que se queixava de sua agressividade e aversão à escola. Os atendimentos ocorreram na Clínica Escola de Psicologia da UNAERP.

DESENVOLVIMENTO: O tratamento começou com João negando-se a entrar na sala de atendimento, agredindo física e verbalmente sua mãe e a analista. Em uma destas ocasiões, só se acalmou quando o GUARDA da clínica, que fica sempre neste lugar ENTRE O DENTRO E O FORA, lhe deu uma bala. Ele também esqueceu seu CACHORRINHO de brinquedo ENTRE O DENTRO E O FORA da sala (CARREIRA, 2004), o que foi tomado como demanda de ajuda na constituição de uma borda que separasse o dentro e o fora, o que balizou a direção de seu tratamento a partir da inscrição do operador Nome-do-Pai (CARREIRA, 2004). Apesar de muito

agressivo e muitas vezes desorganizado, João não apresentava nenhum dos fenômenos típicos da psicose. O que emergiu foi uma formação do inconsciente, isto é, algo que se situava no campo do simbólico sob a forma metafórica do sintoma.

A partir de intervenções da analista, João superou a resistência de entrar na sala e aceitou a sua oferta de análise, elegendo-a como intérprete de seu inconsciente. Passou por questões fundamentais sobre sua origem, diferença sexual, identificação ao masculino e morte. Vemos que o Nome-do-Pai apareceu neste percurso, articulado ao Complexo de Édipo, como uma suplência, o que nos referencia à categoria da neurose. Carreira (2004), porém, aponta que João finalizou seu trabalho carregando um traço de onipotência: acreditava que poderia evitar a morte da cachorrinha se ficasse cuidando dela. Tratar-se-ia de um traço estrutural da neurose obsessiva?

RESULTADOS PRELIMINARES: No caso estudado, a hipótese diagnóstica de neurose obsessiva surge com maior força no final do tratamento. O obsessivo é um sujeito que se sentiu amado em demasia por sua mãe, o que aponta algo específico do ponto de vista da função fálica. Isto desperta necessariamente, na criança, um investimento psíquico precoce e preponderante que consiste, para ela, em se constituir como objeto junto ao qual a mãe supostamente irá encontrar o que não consegue encontrar junto ao pai (suplência). A criança é confrontada com a lei do pai, mas mantém-se também subjugada pela mensagem de insatisfação materna. Aí está um ponto crucial na determinação da estruturação obsessiva. (DOR, 1991).

Resta perguntar se a neurose obsessiva foi fruto do próprio trabalho analítico, que teria proporcionado a inscrição do Nome-do-Pai, ou se houve apenas uma validação deste operador, impedido de atingir um estatus de organizador estrutural para João em função de sua relação com o Outro materno.

FONTES CONSULTADAS

BERARDINO, L. M. F. As psicoses não-decididas da infância: um estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

CARREIRA, A. F. Homem(lete). Trabalho apresentado no I Seminário Clínico. Ribeirão Preto, SP. 2004

DOR, J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.

FREUD, S. Sobre o Início do Tratamento. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1990 [1913], vol. XII, p.135-158.